

É preciso trocar o filme se se quer um outro final

Pressionado violentamente pela turma do como sempre, cuja única arma é o faz de conta, o ministro Bresser Pereira, com um ar muito desenxabido e envergonhado, foi obrigado a tirar do armário o surrado instrumento do controle policial dos preços — que falhou com Delfim, com Dornelles, com Funaro e, antes deles, com Getúlio Vargas e com tantos quantos a ele recorreram —, para que o sr. José Sarney e a turma do poire do

JORNAL DA TARDE
15 MAI 1987

PMDB possam fazer de conta que estão fazendo alguma coisa para combater, com a mão direita, a inflação que estão fabricando com a esquerda.

E a sofrida sociedade brasileira, de empresários a trabalhadores, de preferencialmente rejeitados a preferencialmente "optados", reagiu com indiferença e desânimo: todos eles já viram este filme, acharam-no ruim, e estão cansados de conhecer o seu fim. E perguntam-se, desorientados, por que, diabos, não conseguimos sair deste círculo vicioso.

A explicação é simples: não saímos deste círculo vicioso porque todos quantos têm poder político para mudar alguma coisa neste país pensam na situação brasileira e no modo de consertá-la partindo do pressuposto de que o território conquistado pelo Estado na nossa economia — em outras palavras, o território de que se consideram "donos" os que têm o poder político — é intocável, e que qualquer solução deve ser buscada fora dele. Assim, eles buscam uma "solução" (com aspas) fora da única solução possível.

Basta examinar o noticiário dos jornais nos últimos dias para ver onde está o verdadeiro problema. Ainda anteontem lá estavam em Brasília, espremendo o ministro Bresser Pereira, os prefeitos de 4.300 municípios brasileiros e os governadores de vários Estados da Nação, todos falidos, sem exceções, em consequência dos abusos que praticaram estes mesmos homens e os que os precederam em seus cargos nas vésperas de eleições e depois delas, para "pagar" os votos recebidos — com gastos enormes, contratações de funcionários e distribuições de sinecuras. Todos queriam pedir-lhe o dinheiro com que "resolver" (com aspas) este problema, sem terem de resolver (sem aspas) o problema real que é o do excesso de gastos e de funcionários. Lá estava, ainda, nas manchetes de todos os jornais do País, o escândalo da ferrovia de despedida do sr. José Sarney, que, apesar de tudo, ele quer construir para transportar nada entre o nada e coisa nenhuma, a um custo de vários bilhões de dólares. Lá estavam, finalmente, os constituintes de todos os rincões desta nação, apresentando suas propostas para relaxar ainda mais os controles da sociedade sobre o Estado e reforçar os poderes do Estado sobre a sociedade, tornando institucional a intromissão que ele, contra a lei, perpetrou no território econômico da iniciativa privada. É que as piranhas da estatização, sentindo o cheiro de sangue que escorre a cada mordida do governo nas carnes do setor privado, assanharam-se para propor as "soluções" (com aspas) de sempre, que se resumem em acabar de estraçalhar institucionalmente o que resta daquelas carnes, para que não seja preciso partir para a solução (sem aspas) que seria cortar o excesso de gorduras do Estado. Nenhuma dessas piranhas se pergunta ou informa aos brasileiros de onde pretendem tirar o dinheiro com que continuar sustentando a festa, depois que todas as suas sugestões forem aceitas e o resto da iniciativa privada for "comida".

Em vez de pensarem nessas coisas chatas que fazem parte do mundo da realidade e que só servem para empanar o brilho dos discursos, os donos do poder político no Brasil preferem fazer cálculos aritméticos simples: há mais empregadores ou mais empregados no Brasil?, perguntam eles. E, diante da resposta, pensam logo: então o jeito é pôr a culpa nos empregadores, que não elegem ninguém, e fazer de conta que é tudo culpa deles, porque são eles que "aumentam os preços". E tome controle de preços, que, com uma inflação de 20% ao mês, já vem com garantia de que será burlado, o que facilitará as futuras acusações de "sabotagem" e justificará o recurso à "mão de ferro" que já ganhou tantas eleições...

Como sempre, que é o que quer a turma do faz-de-conta...

O resultado, no mundo da realidade, também é o de sempre: a cada vez que se desenterram esses expedientes daquele velho armário, o círculo vicioso completa mais uma volta e a Nação inteira vai-se enfraquecendo até chegar ao ponto de arrebentar. A turma do faz-de-conta, que sabe que o seu tempo no poder será curto, sempre "se esquece" de que o Estado só enriquece se toda a sociedade enriquecer primeiro, já que é ela quem sustenta o Estado, por meio de impostos. E nunca pensa em fortalecer a sociedade, a iniciativa privada, para que o Estado se fortaleça em consequência. Querem "o deles", e o resto que se dane. Assim, invertem a ordem natural das coisas e tentam enriquecer apenas o Estado na marra, por meio dos únicos dois recursos de que ele dispõe, dada a sua característica de não ser produtor de nada: o arrocho fiscal e a captação de recursos no mercado financeiro. Dado o seu inchaço e, consequentemente, o tamanho dos seus compromissos, o Estado torna-se o maior tomador de dinheiro no mercado financeiro. Assim, puxa as taxas de juro para níveis tão altos que empurra as empresas que poderiam sustentá-lo para a bancarrota ou para a sonegação. Quando se aventura a controlar preços, impedindo as empresas de repassarem os custos do dinheiro que ele aumenta pelo expediente acima descrito, agrava essa situação e ainda induz o empresário a não investir, já que não haverá preço que remunere o seu investimento. Assim, conduz à diminuição da produção e à obsolescência do parque produtivo.

Em decorrência de tudo isso, o Estado também passa a arrecadar menos, já que toda a economia diminui o seu ritmo (veja-se o que está acontecendo com os automóveis). Mas como os seus compromissos continuam os mesmos, ou melhor, aumentando sempre, porque novas eleições são feitas, novos "donos do poder" chegam ao topo da pirâmide e têm que "pagar" suas eleições com a multiplicação dos cargos públicos e das leis demagógicas "de palanque", como as dos gatilhos salariais, as de diminuição das horas de trabalho, as de distribuição de alimentos "grátis", as de multiplicação dos auxílios e benefícios "sociais", etc., a necessidade do Estado de captar recursos no mercado financeiro também está sempre aumentando, e com ela as taxas de juros, o aperto das empresas, e assim por diante. Sem ter para onde se virar, as empresas dispensam empregados, o que quer dizer que o mercado fica com menos consumidores...

Em resumo, quanto mais o Estado aperta o arrocho fiscal e quanto mais vai ao mercado financeiro, mais diminui a sua receita, em função do encolhimento da produção, da circulação de mercadorias e dos salários que essa ação provoca.

É isso que tem acontecido no Brasil desde que nos lembramos.

A única solução (sem aspas) possível, a única maneira de romper esse círculo infernal, é recolocar as coisas na sua ordem natural, onde o Estado só enriquece, se a sociedade inteliga enriquecer antes. É tomar medidas como a do decréscimo de tributos, de modo a devolver dinheiro para o setor produtivo e multiplicativo da sociedade — a iniciativa privada —, facilitar e incentivar o ajuste dos preços relativos, de modo a remunerar a produção e, também, aumentar os salários, para que haja consumidores para essa produção. Mas, para isso, seria preciso que, ao menos no primeiro momento, para proporcionar a folga com que começar este processo, o Estado reduzisse as suas necessidades de dinheiro, para que desaparecesse a pressão sobre os juros e a favor do arrocho fiscal. E isso só se faz de um único jeito: cortando-as gorduras, dispensando os funcionários ociosos, deixando de lado as obras inspiradas mais pela concupiscência dos donos do poder do que pelas reais necessidades da Nação, fechando empresas inúteis e deficitárias.

Sem isso, é tentar ganhar o jogo com um time ao qual se proíbe passar do meio de campo. Não adianta alternar as mesmas táticas do "armário", mudar os técnicos ou os cartolas, que na melhor das hipóteses, isso só adia as consequências que já conhecemos. É impossível vencer. Para vencer, é preciso que não haja áreas-tabu, principalmente se é nelas que está o problema; é preciso jogar no campo todo e principalmente no ataque.